



MAPEAMENTO DOS PESQUISADORES QUE PUBLICARAM NO GRUPO DE TRABALHO - 4 DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO POR MEIO DA CIENTOMETRIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Bruno Henrique Alves

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Professor da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: brhenriquealves@id.uff.br

Resumo

Esta pesquisa objetiva compreender os mecanismos implícitos à geração do conhecimento científico dos pesquisadores, os trabalhos publicados, a rede de colaboração científica que se forma a partir das relações sociais e a posição social que ocupam no Campo da Ciência da Informação. De forma mais específica, pretende: identificar a Elite de Pesquisa que publicou no Grupo de Trabalho - GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB); compreender os mecanismos construídos para organizar a rede de colaboração científica; fundamentar a Análise de Redes Sociais a partir da Sociologia de Pierre Bourdieu. Como procedimento de pesquisa, realizou-se um levantamento dos dados a partir de súmula constituída pelos trabalhos apresentados de 2013 a 2017 no Grupo de Trabalho - GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento. Para a construção da rede de colaboração científica entre os pesquisadores e seus coautores nos trabalhos, utilizou-se a Análise de Rede Social. Para o desenvolvimento da última etapa desta pesquisa, utilizou-se alguns conceitos apresentados pela Sociologia de Pierre Bourdieu. Como resultados finais, a rede de colaboração científica mostra que, em geral, há coerência entre eles e a posição que ocupam na estrutura social. Como considerações finais, tem-se como hipótese que os pesquisadores possuem uma preocupação específica com a necessidade de reflexão sobre os procedimentos metodológicos utilizados para compreender os diferentes objetos de estudo, por exemplo, o comportamento de uma determinada instituição no que se refere a produção de conhecimento.

Palavras-chave: Gestão da Informação e do Conhecimento. Análise de Redes Sociais. Sociologia de Pierre Bourdieu. GT – Ancib. Enancib.

MAPPING OF THE RESEARCHERS PUBLISHING AT WORKING GROUP 4 OF THE NATIONAL ASSOCIATION FOR RESEARCH AND POST-GRADUATION IN INFORMATION SCIENCE WITHIN CIENTOMETRY AND SOCIOLOGY OF SCIENCE

Abstract

This research aims to understand the implicit mechanisms in the researchers' scientific knowledge generation, published papers, the scientific collaboration network formed from the social relations and the social position they occupy in the Field of Information Science. More specifically, the study aims to: identify the research elite publishing in the Working Group 4 - Information and Knowledge Management of the National Association for Research and Post-Graduation in Information Science (ANCIB); understand the mechanisms built to organize the network of scientific collaboration; base the Social Network Analysis from the Sociology of Pierre Bourdieu. As research procedure, data survey was carried out using a summary of the papers presented from 2013 to 2017 in Working Group 4 - Information and Knowledge Management. For the construction of the scientific collaboration network among the researchers and their co-authors, the Social Network Analysis was used. For the development of the last

stage of this research, used some concepts presented by the Sociology of Pierre Bourdieu. As final result, the network of scientific collaboration shows that, in general, they are coherence and the position they occupy in the social structure. As final considerations, it is hypothesized that the researchers have a specific concern regarding the need to reflect on the methodological procedures used to understand the different objects of study, such as the behavior of a particular institution in relation to the production of knowledge.

Keywords: *Information and Knowledge Management. Social Network Analysis. Sociology of Pierre Bourdieu. WG – Ancib. Enancib.*

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) avalia os fatores que interferem na geração, sistematização/organização, tratamento, comunicação e uso da informação. Esses processos relacionam-se com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (LE COADIC, 2001).

Redimensionando o conceito, Hawkins (2001) argumenta que a CI pode contribuir com as questões que envolvem produção, organização, tratamento, sistematização e disseminação da informação nos diferentes contextos, tendo em vista sua característica interdisciplinar e também transdisciplinar.

Ainda, a CI encontra-se em um processo de fortalecimento e amadurecimento em âmbito nacional e/ou internacional, pois ela necessita de um respaldo teórico-metodológico para superar os obstáculos epistemológicos presentes na construção do conhecimento científico.

Tendo em vista suas singularidades, a CI é influenciada por diferentes fundamentos epistemológicos e também bases históricas que compreendem uma série de elementos sistematizados que necessitam ser mais bem interpretados, considerando os fatores sociais, científicos, políticos e econômicos (MARCIANO, 2006; SOUZA, 2008). Com isso, a CI "como uma ciência mediadora percorre um longo arco desde a gênese até a disseminação e uso da informação e do conhecimento gerado." (MARCIANO, 2006, p. 189).

Considerando que a CI aborda pesquisas puras e aplicadas para contribuir com o desenvolvimento de sua identidade, ela apresenta em seus estudos vários indicadores, por exemplo, os indicadores bibliométricos para mensurar a produção do conhecimento científico e evidenciar suas tendências, tendo como objetivo destacar as relações que interferem nesse processo sistematizado (FEITOZA; DUARTE, 2017).

Nesse contexto, acredita-se que essa ciência se encontra em permanente evolução, considerando os fatores implícitos nesse Campo Científico, tais como políticos, sociais, econômicos, e é atingida pelo imperativo tecnológico e pelo crescimento da Sociedade da Informação e do Conhecimento. Dentro da CI, encontram-se estudos sobre a Gestão da Informação (GI) e Gestão do Conhecimento (GC) com o objetivo de entender a geração e a difusão do conhecimento nos diferentes contextos sociais e científicos (GONÇALVES; ARAÚJO, 2013).

Instituída com o objetivo de acompanhar e incentivar os estudos no âmbito da pós-graduação em CI, no Brasil, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), fundada em 1989, tem suas atividades estruturadas a partir de dois pilares: os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, que envolvem coordenadores, docentes e discentes inseridos nos referidos programas; e o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), espaço de debates, discussões e reflexões sobre determinado tema, que reúne pesquisadores interessados (ANCIB, 2016).

Assim, atualmente, as temáticas apresentadas na ANCIB estão organizadas em 11 Grupos de Trabalhos (GTs), a saber: GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da

Informação; GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento; GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação; GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento; GT 5 - Política e Economia da Informação; GT 6 - Informação, Educação e Trabalho; GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação; GT 8 - Informação e Tecnologia; GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação; GT 10 - Informação e Memória; GT 11 - Informação & Saúde.

O GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento, foco desse artigo, tem como objetivo sistematizar as seguintes questões:

Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, uso e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento (ANCIB, 2018).

Dada a importância das atividades dos GTs da ANCIB para o fortalecimento e visibilidade da CI em âmbito nacional e/ou internacional, pretende-se, nesta pesquisa, sistematizar um mapeamento dos pesquisadores que publicaram no GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento da ANCIB, a partir de uma análise Cientométrica e Sociológica, principalmente a Sociologia da Ciência.

Esta pesquisa justifica-se a partir do processo de construção e da legitimação da CI que depende, como outros Campos, da busca, investigação de suas origens e de seus "principais fundadores". Ainda, a análise dos trabalhos dos últimos cinco Enancibs - 2013 a 2017 - é relevante pelo fato de se considerar um recorte de tempo e época significativo no contexto atual das pesquisas inseridas e sistematizadas no tema em estudo. A partir dessas características, é possível entender a dinâmica desse Campo e repensar os objetos de estudos que estão sendo avaliados pelos diferentes pesquisadores para a tomada de decisão e estratégias sociais.

Segundo as características da Sociologia da Ciência, o Enancib pode ser considerado um mercado simbólico.

A situação de pesquisa é um mercado simbólico. Uma reunião [...], o capítulo de uma novela, o bate-papo no futebol, um Congresso, são mercados simbólicos sujeitos a mecanismos de manipulação de preços, conversões, negociações, etc. O valor de um discurso é relacional, e depende sempre do seu grau de desvio entre os bens simbólicos mais difundidos ou escassos que circulam nesse mercado. Esses desvios são distintivos, funcionam como marcadores de estilo entre os agentes sociais nessas trocas (GIRARDI JR., 2007, p.216).

A partir desses elementos pode-se considerar que o espaço social (mercado simbólico) possui aspectos singulares de funcionamento, dinâmica e interação entre os diferentes agentes. Com isso, surge o interesse em investigar esse movimento mediante a produção de trabalhos científicos e a hierarquia acadêmica (BOURDIEU, 2013).

Algumas questões devem ser consideradas: como os trabalhos produzidos pelos pesquisadores, considerando suas características essenciais, contribuem para a construção do conhecimento científico no Campo Científico em estudo? Esses pesquisadores estabelecem

relações de coautoria com seus pares? Como esses pesquisadores se colocam no Campo da CI e qual a posição que ocupam a partir dos trabalhos publicados no GT 4 da ANCIB, no período de 2013 a 2017?

Esta pesquisa objetiva, de forma geral, compreender os mecanismos implícitos à geração e construção do conhecimento dos pesquisadores, os trabalhos publicados no GT - 4 da ANCIB, a rede de colaboração científica que se forma a partir das relações sociais para assegurar a produção do conhecimento e a posição social que ocupam no Campo da CI.

De forma específica, propõe-se: identificar a Elite de Pesquisa que publicou no GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento da ANCIB; compreender os mecanismos sociais construídos para organizar e que facilitam a estruturação da rede de colaboração científica entre eles; fundamentar a Análise de Redes Sociais (ARS) a partir da teoria do Campo e os conceitos de Capital Científico do tipo objetivado, Capital Social e Capital Científico do tipo institucional, propostos pela Sociologia de Pierre Bourdieu.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Produção científica, estudos bibliométricos e cientometria

Os procedimentos teórico-metodológicos que auxiliam o mapeamento e visualização das atividades científicas de um país, grupo de pesquisadores ou Campo Científico vêm aumentando continuamente, decorrente do interesse de pesquisadores em produzir conhecimento científico em busca de reconhecimento e visibilidade junto a seus pares.

O conceito de produção científica está relacionado com a produtividade, ou seja, é um conjunto de publicações sistematizado após a realização de um estudo. Nesse sentido, é o resultado daquilo que é produzido no contexto social, acadêmico, tecnológico e científico, tais como artigos científicos, livros, capítulos de livros, trabalhos completos publicados em eventos, relatórios de pesquisa e demais documentos (ALVES, 2018).

Para Gracio e Oliveira (2011), os estudos que envolvem a avaliação e análise da produção científica enfrentam barreiras, considerando que esta integra uma grande estrutura social, a ciência, na qual as atividades consistem em "disseminar conhecimentos, assegurar a preservação de padrões e atribuir crédito e reconhecimento aos autores de trabalhos de relevante contribuição para o desenvolvimento das ideias em diferentes campos." (MACIAS-CHAPULA, 1998, p.136).

Destaca-se, pois, a importância dos Estudos bibliométricos e, principalmente, a Cientometria, que é considerada um procedimento teórico-metodológico que estuda os aspectos quantitativos de uma ciência como disciplina ou atividade, porque está relacionada diretamente com a Sociologia da Ciência.

Os métodos bibliométricos apresentam duas categorias: métodos estáticos e métodos dinâmicos. O primeiro – métodos estáticos – possui como principal característica o tamanho da distribuição da literatura que está ligada, principalmente, com as leis de Bradford (dispersão do conhecimento científico), Lotka (mensuração da produtividade de cientistas) e Zipf (frequência de palavras em um texto). O segundo – métodos dinâmicos – mensura o crescimento do número de pesquisadores, "periódico e artigo de acordo com suas taxas de mudança no tempo. Essas análises permitem a detecção de possíveis "crises" em determinado campo", considerando suas singularidades e propriedades (BRAGA, 1977; URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2007).

Redimensionando esses aspectos, a Cientometria surgiu na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e Europa Oriental e foi utilizada, principalmente, na Hungria com a preocupação de investigar o desenvolvimento científico e o comportamento dos

diferentes fenômenos sociais inseridos em uma realidade multifacetada (Campos Científicos), inicialmente, por meio dos métodos quantitativos (SPINAK, 1996; HAYASHI *et al.*, 2012).

Para Hayashi *et al.* (2012), nos EUA, a "Cientometria está ligada ao nome de Derek de Solla Price, particularmente aos seus livros: *Science since Babylon* e *Little Science, Big Science*, publicados respectivamente em 1961 e 1963". Segundo Price, a produção do conhecimento científico é a avaliação por meio dos elementos sociológicos como forma de compreender as relações sociais entre os pesquisadores e objetos de estudo. Esses trabalhos também estão relacionados com outro importante cientista: Eugene Garfield.

A partir desse desenvolvimento, a Cientometria deu origem aos estudos sociais da ciência, Campo Científico com elementos interdisciplinares que utiliza recursos técnicos e conceituais (BORDÓNS; ZULUETA, 1999). Nesse sentido, a principal preocupação da Cientometria é" [...] com a dinâmica da ciência, como atividade social, tendo como objetos de análise a produção, a circulação e o consumo da produção científica." (SANTOS; KOBASHI, 2009, p. 159).

A Cientometria utiliza procedimentos bibliométricos da ciência. O termo ciência refere-se às ciências físicas e naturais como também às Ciências Sociais. A Cientometria possui características que examinam as políticas científicas a partir dos aspectos econômicos e sociais presentes nos diferentes países (SPINAK, 1996).

Patra, Bhattacharya e Verma (2006, p. 27) assinalam que "a cientometria é a medição da comunicação científica, enquanto a bibliometria lida com processos de informações mais gerais." Glänzel (2003) sistematiza a bibliometria em três grupos-alvo:

(1) Bibliometria para bibliometristas (Metodologia) - Este é o domínio da pesquisa bibliométrica básica. (2) Bibliometria para disciplinas científicas (Informação Científica) - Os pesquisadores em disciplinas científicas formam o maior, mas também o mais diversificado grupo de interesse em bibliometria. Devido à sua formação científica, os seus interesses estão fortemente relacionados a sua especialidade. Este domínio pode ser considerado uma extensão da Ciência da Informação. Aqui também encontramos uma fronteira comum com a pesquisa quantitativa em recuperação da informação. (3) Bibliometria para a política e gestão (Política Científica). Este é o domínio de avaliação de pesquisa, atualmente o tópico mais importante no campo. Aqui as estruturas nacionais, regionais e institucionais da ciência e da sua apresentação comparativa estão em primeiro plano (GLÄNZEL, 2003, p. 9).

Para compreender os processos que envolvem a produção de conhecimento em determinado Campo Científico, considerado um espaço hierarquizado com características abstratas, ou seja, não é físico, é estruturado de posições, tais como dominantes (conservadores), dominados (subversivos) e pretendentes (são os agentes que ainda não estão inseridos em um espaço social de lutas, conflitos e concorrência) (ALVES, 2018), destacam-se as contribuições da Sociologia da Ciência, "que estuda os modos pelos quais a pesquisa científica e a difusão do conhecimento científico são influenciadas pelas condições sociais e por seu turno influenciam o comportamento social." (BEN-DAVID, 1975, p. 1).

2.2 Colaboração científica e Análise de Rede Social

A colaboração científica constitui um importante elemento para desenvolver estudos, desde meados do século XX, com o apoio dos procedimentos que envolvem os estudos bibliométricos e sociológicos (GONZÁLEZ ALCAIDE; GÓMEZ FERRI, 2014). Segundo Katz e

Martin (1997, p. 7), a colaboração científica: "[...] pode ser definida como o trabalho conjunto de pesquisadores para atingir um objetivo comum de produzir novos conhecimentos científicos".

As práticas que envolvem essa atividade científica têm aumentado de forma significativa entre os pesquisadores brasileiros, tendo como principal característica e contribuição a influência da proximidade geográfica entre eles. Os avanços apresentados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) não foram determinantes para essa prática científica, conforme dado apresentado pela análise de mais de um milhão de currículos acadêmicos da Plataforma Lattes (FAPESP, 2016). Segundo Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2014), o peso da proximidade ainda é muito significativo, informação esta divulgada no artigo publicado no *Journal of the Association for Information Science and Technology*.

As singularidades da Análise de Rede Social (ARS) e seus procedimentos metodológicos, que envolvem a Matemática e Estatística, têm chamado a atenção por parte do Campo Científico, nas últimas décadas. Otte e Rousseau (2002, p. 441) argumentam que "a ARS não é uma teoria formal, mas muito mais uma estratégia ampla para investigação de estruturas sociais".

Para Otte e Rousseau (2002), a ARS constitui elemento de visualização gráfica que possibilita melhor entendimento das relações apresentadas por países, pesquisadores, instituições, Campos Científicos, entre outros. Esse procedimento teórico-metodológico é considerado interdisciplinar, pois utiliza aspectos para analisar a estrutura de determinada rede de colaboração científica.

Para Marteleto e Tomáel (2005, p.81), a ARS é

uma metodologia oriunda da Antropologia Cultural e da Sociologia, mas com aplicações em diversas disciplinas, cujo foco analítico recai sobre as relações e interações entre os indivíduos, com maneira de entender a estrutura relacional da sociedade. Uma peculiaridade dessa metodologia é não possuir um arcabouço teórico próprio, pois se trata da aplicação de métodos e medidas estatísticas e matemáticas para o mapeamento das configurações sociais - as redes sociais - que representam os elos e conexões entre indivíduos e/ou organizações.

A aplicação da ARS tem como objetivo estudar a formação e a estrutura de determinada rede de colaboração científica, considerando as relações entre os agentes (pesquisadores) presentes nos diferentes contextos e Campos Científicos (HAYASHI *et al.*, 2012).

Para Marteleto (2001, p. 72),

o conceito de redes é tributário de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos - indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagem subjetivistas/objetivistas/enfoques micro ou macro da realidade social -, colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes. Por exemplo, a antropologia estrutural entende as redes como descritivas, servindo para identificar o caráter perene das organizações e dos comportamentos sociais. Já a linha do individualismo metodológico desconstrói essa concepção, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido, e as relações sociais na formação do seu agir. As redes surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais.

Os estudos de redes são utilizados em vários Campos: científico, político, econômico, entre outros. Daí a importância de se considerar os aspectos relacionais presentes neles para compreender a formação e dinâmica de construção do conhecimento científico em seu interior e verificar de que forma os pesquisadores se posicionam e se tornam porta-vozes legítimos.

2.3 Sociologia da Ciência

Etimologicamente, o termo Sociologia tem uma origem híbrida: do latim "socius" (em comum) e do grego "logos" (teoria), ou seja, Teoria da Sociedade. A Sociologia surgiu com a expansão do capitalismo apresentando as classes dominantes como detentoras de poder (MARTINS, 1994).

A ciência pode ser compreendida como o conhecimento sobre o mundo. Ela é desenvolvida e aperfeiçoada a partir de uma perspectiva objetiva da realidade, ou seja, busca analisar os diferentes fenômenos a partir de princípios científicos ocultos em um espaço social. A partir dessas observações, "ela se distingue, por consequência, do conhecimento puramente empírico, metafísico ou teológico, pela sua propensão a um estudo sistemático e objetivo da realidade." (FERREIRA, 1995, p. 253).

A configuração da ciência é representada por um acúmulo de dado, informação e conhecimento incorporados pelos pesquisadores, que contribuem para o desenvolvimento do Campo Científico. Essas características podem ser descritas a partir do "espiral do conhecimento", objeto de estudo de vários Campos, no caso desta pesquisa, a Gestão da Informação e do Conhecimento. A partir desses elementos, pode-se produzir conhecimento, registrá-lo e disseminá-lo junto à sociedade, a partir de avaliação criteriosa e aceite dessas novas ideias que contribuem para o avanço do comportamento humano (DEUS, 1979; DROESCHER; SILVA, 2014).

A "construção do conhecimento acontece em um determinado campo científico no qual ocorre uma competição entre os diferentes agentes e instituições." (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2007, p. 1). Para Bourdieu (2013, p.112), a Sociologia da Ciência baseia-se no seguinte fato:

a verdade do produto - mesmo desse produto particular que é a verdade científica - reside numa espécie particular de condições sociais de produção, num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. O universo "puro" da mais "pura" ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros, mas no qual todas essas invariantes assumem formas específicas.

Pierre Bourdieu (2008, p. 7) aponta que a ciência está sofrendo um retrocesso muito forte, pois "a autonomia que, pouco a pouco, ela conquistou aos poderes religiosos, políticos ou até mesmo econômicos [...], está muito enfraquecida". Segundo o autor,

Tudo leva a pensar que as pressões da economia são cada vez maiores, principalmente nos domínios em que os produtos da investigação são altamente rentáveis, como a medicina, a biotecnologia (especialmente em matéria agrícola) e, de forma mais geral, a genética - sem falar da pesquisa militar. É assim que muitos investigadores ou equipes de investigação caem sob a alçada de grandes empresas industriais interessadas em garantir, através das patentes, o monopólio de produtos de elevado rendimento comercial (BOURDIEU, 2008, p. 8).

A Sociologia da Ciência propõe procedimentos teórico-metodológicos com o objetivo de identificar o que está 'oculto' no Campo Científico a partir das relações objetivas presentes na sociedade (ALVES, 2018).

Para Urbizagástegui Alvarado (2007), a partir da teoria apresentada por Bourdieu é viável descrever a estrutura de um Campo e apresentar as estratégias e práticas que são utilizadas pelos dominantes, dominados e pretendentes. Para Bourdieu (1983, p. 90), essa estrutura é

[...] um estado da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico.

Essa estrutura é "definida pela distribuição desigual do capital, ou seja, das armas ou dos trunfos específicos." (BOURDIEU, 2008, p. 53). O dominante possui características conservadoras, ou seja, é o agente que ocupa uma posição de destaque e está preocupado com a manutenção da mesma.

O Campo Científico é um sistema específico de relações objetivas e constituído por agentes dispostos a jogar o jogo, como todo espaço social, é um ambiente de relações de forças, lutas, conflitos e concorrências entre eles que ocupam diferentes posições (BOURDIEU, 2013). Para participar do jogo social "[...] é necessário a mobilização de certos tipos de capitais que se constituirão, depois de um bom tempo de experiência nesse jogo, em disposições, em esquemas práticos de ação, percepção e apreciação." (GIRARDI JR., 2007, p.67).

Os campos apresentam, principalmente, duas formas de poder que resultam em duas espécies de Capital Científico. Num primeiro momento, o Capital Institucional, que se refere às posições ocupadas nas instituições científicas: membros assessores das diferentes instituições de ensino superior - presidência, coordenação, direção, chefia, comitês de avaliação, entre outros. Num segundo momento, o Capital Específico, "reconhecimento/notoriedade" junto aos pares. Essa forma de capital está relacionada com as descobertas e progresso da ciência (BOURDIEU, 2004).

2.4 Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento

A Gestão da Informação (GI) tem sua origem a partir dos trabalhos de Paul Otlet, principalmente depois do livro *Traité de Documentation*, publicado em 1934 (BARBOSA, 2008). Alvarenga Neto (2008) defende que a GI teve seu desenvolvimento pautado no Gerenciamento de Recursos Informativos (GRI), de Robert Taylor, em 1960.

Para Wilson (2002), a GI foi fundamentada a partir de aspectos teórico-metodológicos com o objetivo de buscar soluções para resolver os problemas apresentados pela sociedade, por exemplo, a explosão informacional. A GI envolve algumas áreas, tais como: organização, gestão e utilização de documentos, tendo em vista que esses elementos estão relacionados diretamente com a CI (MONTEIRO; DUARTE, 2018).

Segundo estudos apontados por Davenport (1998), a GI, tal como a CI, também se consolidou por volta do século XX, afirmando que o campo se consolidou e ganhou visibilidade em 1986, após uma empresa nomear o setor de marketing como Consultoria em Administração da Informação.

Nesse contexto, compreende-se a GI em Unidade de Informação (UI) como um conjunto de atividades específicas que visa: obter um diagnóstico dos diferentes contextos sociais, científicos e tecnológicos, tendo em vista entender as necessidades informacionais dos usuários e coletar, organizar e sistematizar dados, informação e conhecimento com o objetivo de apoiar a geração de serviços e produtos informacionais em UI (VALENTIM, 2004).

A GI, no contexto da CI, adota elementos presentes na Administração, pois ela é visualizada como um "conjunto de conceitos, princípios, métodos e técnicas utilizadas na prática administrativa e colocadas em execução pela liderança de um serviço de informação [...] para atingir a missão e os objetivos fixados." (DIAS; BELLUZO, 2003, p.65). Valentim (2004, p.1) entende a GI como

[...] um conjunto de estratégias que visa identificar as necessidades informacionais, mapear os fluxos formais de informação nos diferentes ambientes da organização assim como sua coleta, filtragem, análise, organização, armazenamento e disseminação, objetivando apoiar o desenvolvimento das atividades cotidianas e a tomada de decisão no ambiente corporativo.

A partir dessa sistematização, pode-se entender a GI "como um processo que busca agregar valor à informação, utilizando para tanto os mecanismos de seleção, análise, armazenamento e disseminação [...]." (CARVALHO; ARAÚJO JÚNIOR, 2014, p. 73). Indo além, Souza, Dias e Nassif (2011, p.59) aprofundam tal entendimento ao afirmarem que

[...] a Gestão da Informação, especificamente, envolve os estudos e as práticas gerenciais que permitem a construção, a disseminação e o uso da informação. Esse processo engloba a gestão de recursos informacionais e de conteúdos, a gestão de tecnologias da informação e a gestão das pessoas envolvidas nesses subprocessos.

Para Carvalho e Araújo Júnior (2014), o objetivo da GI em UI é o melhor aproveitamento dos seus recursos informacionais, por exemplo, recursos físicos, recursos tecnológicos, recursos informativos, recursos humanos, tendo as condições necessárias para a tomada de decisão levando em conta a estrutura hierárquica e a dinâmica apresentada pelo contexto para identificar as principais necessidades informacionais dos usuários reais e potenciais.

Considerando os aspectos citados, apresentam-se alguns elementos da GC, tendo em vista os objetivos sistematizados nesta pesquisa.

Os termos Gestão e Conhecimento são estudados nos diferentes campos da ciência. No final da década de 1980, aparecem juntos como Gestão do Conhecimento (GC). Esse fato se deve ao desenvolvimento da Administração e pela necessidade de entender os processos organizacionais envolvidos no contexto da Sociedade da Informação (COSTA, 2000).

A GC trata da prática de agregar valor à informação e disseminá-la, tendo como tema central o aproveitamento dos recursos financeiros, físicos, informativos, computacionais e humanos, presentes em determinada organização. Para Santos (2000), a GC trata das questões que envolvem a adaptação, sobrevivência e competência organizacional, considerando o contexto multifacetado em que a organização está inserida.

Para Terra (2000), a GC está relacionada à própria evolução da teoria organizacional e depende de uma análise sistematizada da ligação e associação entre as seguintes variáveis: ambiente econômico, ambiente social, ambiente científico, evolução tecnológica, lógica organizacional e concepções sobre a natureza humana.

Ainda, a GC “pode ser vista como uma coleção de processos que governa a criação, disseminação e utilização do conhecimento para atingir plenamente os objetivos da organização” (TEIXEIRA FILHO, 2000, p. 22). Na mesma direção, Moresi (2001, p.137) afirma que GC é “vista como o conjunto de atividades que busca desenvolver e controlar todo tipo de conhecimento em uma organização, visando à utilização na consecução de seus objetivos”.

A GC utiliza processos organizacionais procurando relacionar as características do dado, informação e conhecimento para oferecer novas ideias para o ambiente da UI, tendo como participação fundamental os aspectos apresentados pelas TICs (MALHOTRA, 1998).

Leite e Costa (2007) orientam sobre os processos de GC:

Os processos de gestão do conhecimento, no contexto de uma comunidade acadêmica, mesmo que tenham por objetivo oferecer suporte, potencializar e tornar mais eficientes as atividades de pesquisa e ensino na instituição e a integração entre elas - e por consequência o estímulo à criação de novos conhecimentos -, sofrem influência externa das comunidades científicas, como sugerem os resultados. Por esta e outras razões, a identificação, aquisição, organização/armazenagem e, sobretudo, o compartilhamento e criação do conhecimento científico, como processos de gestão do conhecimento no contexto de uma universidade, não podem prescindir ou desprezar a interferência de várias lateralidades, tanto internas quanto externas, de caráter cultural, tecnológico ou social (LEITE; COSTA, 2007, p.106).

Segundo Alvarenga Neto (2002, p. 151), a GC é “O conjunto de atividades voltadas para a promoção do conhecimento organizacional [...]”, com o objetivo de utilizar melhor a informação e o conhecimento apresentados pela organização para a manutenção de sua posição no ambiente competitivo.

Por fim, a GC pode ser entendida como um processo contínuo de criação de novos conhecimentos, que podem ser utilizados para elaboração e aperfeiçoamentos de novos produtos e serviços presentes na UI. Com isso, a UI adota estratégias sociais para suas mudanças internas (TAKEUCHI; NONAKA, 2008).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo os procedimentos metodológicos utilizados, esta pesquisa é de caráter bibliográfico, exploratória, descritiva e documental, pois abrange relevante literatura que já foi publicada sobre o tema em questão, tendo em vista suas características quantitativas e qualitativas.

O levantamento dos dados ocorreu a partir de súmula constituída pelos trabalhos apresentados de 2013 até 2017 no GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento da ANCIIB. Inicialmente, esse universo constitui-se da apresentação dos seguintes trabalhos, considerando as apresentações - Comunicações Orais e Pôsteres: 33 trabalhos, no XIV ENANCIB, em 2013 (Florianópolis - Santa Catarina); 37 trabalhos, no XV ENANCIB, em 2014 (Belo Horizonte - Minas Gerais); 40 trabalhos, no XVI ENANCIB, em 2015 (João Pessoa - Paraíba); 45 trabalhos, no XVII ENANCIB, em 2016 (Salvador - Bahia); 45 trabalhos, no XVIII ENANCIB, em 2017 (Marília - São Paulo).

Com isso, consideraram-se apenas as "Comunicações Orais" para o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que segue critérios diferentes em comparação com as pesquisas apresentadas por meio dos Pôsteres. Na modalidade Comunicação Oral, podem submeter trabalhos: Doutores; Doutorandos em coautoria com Doutor (es) e Mestres, em coautoria com Doutor (es) (ENANCIB, 2018). As apresentações foram distribuídas da seguinte forma: 26 trabalhos, no XIV ENANCIB, em 2013 (Florianópolis - Santa Catarina); 28 trabalhos, no XV ENANCIB, em 2014 (Belo Horizonte - Minas Gerais); 30 trabalhos, no XVI ENANCIB, em 2015 (João Pessoa - Paraíba); 28 trabalhos, no XVII ENANCIB, em 2016 (Salvador - Bahia); 39 trabalhos, no XVIII ENANCIB, em 2017 (Marília - São Paulo).

A delimitação do período e material selecionado para a pesquisa foi considerada suficiente e significativa, pois representa o desenvolvimento do Campo da CI, em uma dada época e contexto social. Nesse sentido, é possível identificar algumas particularidades da produção do conhecimento do científico por meio do evento em estudo.

Com isso, para que se tenha uma visão total do comportamento da produção científica, os dados serão apresentados em forma tabular e/ou grafo.

Para a identificação da Elite de Pesquisa que publicam no GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento - da ANCI, trabalhou-se com o corpus de 151 Comunicações Orais e identificaram-se 245 pesquisadores. Extraída a raiz quadrada deste valor, resultou um total de 15,6 pesquisadores que publicaram entre 4 e 10 trabalhos, num total de 22 pesquisadores responsáveis por 88 trabalhos, trabalhos individuais e em coautoria, resultando uma Elite de Pesquisa que produziu 58,2% dos trabalhos, ou seja, além do esperado, que é 50% da produção científica gerada pelo grupo de pesquisadores, segundo a Lei do Elitismo de Price (1976). Este cálculo é sistematizado da seguinte forma: "se k representa o número total de contribuintes numa disciplina, \sqrt{k} representaria a elite da área estudada, assim como o número de contribuintes que gera a metade de todas as contribuições". (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2009, p.70). Destaca-se que, no cálculo das 88 pesquisas, foram considerados os coautores. Esses pesquisadores foram utilizados para organizar, sistematizar e analisar a Tabela 1.

Na primeira coluna da Tabela 1, registraram-se os pesquisadores; na segunda, o Capital Científico do tipo objetivado (produção científica individual/coautoria); na terceira, o Capital Científico do tipo objetivado (produção científica em coautoria); em seguida, o Capital Social (número de ligações na rede de colaboração científica); e por último, o Capital Científico do tipo institucional. Neste último, considerando que cada pesquisador exerceu vários cargos ou funções, consideraram-se "apenas os membros assessores das diferentes instituições de ensino superior - presidência, coordenação, direção e chefia - por serem aqueles de maior responsabilidade e competência" (ALVES, 2018. p.60). Os cargos e/ou funções foram identificados de forma manual por meio do Currículo Lattes de cada pesquisador, considerando o período que a pesquisa foi desenvolvida.

Para o desenvolvimento da segunda fase desta pesquisa, foi utilizado o procedimento de ARS para compreender os mecanismos sociais construídos para organizar e que facilitam a estruturação da rede de colaboração científica entre os pesquisadores e seus coautores nos trabalhos.

Para a construção da rede de colaboração científica (2013-2017) entre os pesquisadores, utilizou-se o *Software Ucinet*. Com isso, foram considerados os 22 pesquisadores que compõem a Elite de Pesquisa e seus coautores, num total de 109 pesquisadores na rede de colaboração científica. Foram utilizados 80 trabalhos em coautoria para gerar a rede de colaboração científica.

Para o desenvolvimento da última etapa desta pesquisa, foram utilizados os seguintes conceitos, propostos pela Sociologia de Pierre Bourdieu: o Capital Científico do tipo

objetivado, que será articulado com o volume de trabalhos publicados de forma individual e também em coautoria; o Capital Científico do tipo institucional, que será relacionado com a posição social dos pesquisadores no cenário acadêmico; e o Capital Social, que será explicitado por meio da análise de coautorias para identificar a posição social, como dominantes e/ou dominados, que eles ocupam no Campo da CI. Esses conceitos são interpretados no contexto da rede de colaboração científica entre os pesquisadores (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2015).

Nesse contexto, espera-se encontrar uma representatividade entre as diferentes variáveis: volume de artigos publicados (individual e/ou em coautoria), número de coautores, cargos ou funções dos pesquisadores.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A Tabela 1 apresenta o conjunto de 22 pesquisadores, no período em análise, Capital Científico do tipo objetivado, Capital Social e Capital Científico do tipo institucional. Assim, os efeitos simbólicos de todos esses capitais são considerados um recurso obtido durante a trajetória social e científica, sem priorizar algum deles, em igualdade de condições (ALVES; OLIVEIRA, (2017).

De acordo com a Tabela 1, esses 22 pesquisadores produziram, de 2013 a 2017, até 10 artigos individuais e em coautoria.

Em relação ao Capital Científico do tipo objetivado (produção individual e em coautoria), verificaram-se quatro pesquisadores (18,2%) que se destacaram na produção individual e três pesquisadores (13,6%) na produção em coautoria. Com isso, destaca-se que ocorreu uma variação de produção de trabalhos entre sete e dez trabalhos de forma individual/coautoria, com uma média de nove trabalhos; e nove a 10 trabalhos em coautoria, com uma média de 9,6 trabalhos. Os pesquisadores responsáveis por esta produção são: Fabrício Ziviani; Marta Lígia Pomim Valentim; Emeide Nóbrega Duarte e Ricardo Rodrigues Barbosa. Com isso, "admite-se que nem sempre os mais produtivos significam contribuição de excelência para a ciência" (ALVES; SOBRAL; OLIVEIRA; BUFREM, 2017, p.9).

Atualmente, o pesquisador Fabrício Ziviani é professor do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento da Universidade FUMEC. Ele sistematiza as seguintes temáticas: gestão do conhecimento e da informação; redes de colaboração e aprendizagem; transferência de tecnologia e conhecimento; estrutura organizacional, entre outros.

Marta Lígia Pomim Valentim, professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e também bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 2. Esse nível possui a seguinte característica "[...] será avaliada a produtividade do pesquisador, com ênfase nos trabalhos publicados e orientações referentes aos últimos cinco anos". (CNPq, 2018). A pesquisadora em questão atua nos seguintes temas: gestão da informação; gestão do conhecimento; cultura organizacional; inteligência organizacional, entre outros.

Tabela 1 - Elite de Pesquisa do ENANCIB (2013-2017)

Pesquisadores	Capital Científico do tipo objetivado**	Capital Científico do tipo objetivado***	Capital Social****	Capital Científico do tipo institucional*****
Fabrício Ziviani	10	10	13	3
Marta L. Pomim Valentim*	10	10	9	3
Emeide Nóbrega Duarte	9	9	12	1
Ricardo Rodrigues Barbosa	7	6	6	1

Cláudio P. A. de Paula	5	4	5	5
Frederico C. Mafra Pereira	5	3	7	0
Gregório Jean Varvakis	5	5	6	2
Renata M. Abrantes Baracho	5	5	9	2
Sueli Angélica do Amaral	5	4	3	0
Alzira Karla Araújo da Silva	4	4	8	0
Danielly Oliveira Inomata	4	4	5	0
Fabio Corrêa	4	4	5	0
Jorge T. de Ramos Neves	4	4	10	1
Leonardo Guimarães Garcia	4	3	4	0
Luiz Claudio Gomes Maia	4	4	8	4
Maria Cleide R. Bernardino	4	2	3	3
Marta Araújo Tavares Ferreira	4	4	4	0
Mônica Erichsen Nassif	4	4	5	3
Renata de Souza França	4	4	5	0
Samir Elias Kalil Lion	4	4	5	0
Wagner Junqueira de Araújo	4	4	3	0
Zeny Duarte de Miranda	4	4	2	4

Fonte: Elaborado pelo autor

* Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

** Número de trabalhos individuais/coautorias publicados.

*** Número de trabalhos em coautorias publicados.

**** Número de ligações na rede de colaboração científica (coautores).

***** Cargos ou funções.

A pesquisadora Emeide Nóbrega Duarte, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolve, principalmente, as seguintes temáticas: gestão da Informação e do conhecimento; competências e inteligência organizacional; cultura informacional, entre outros.

Por último, Ricardo Rodrigues Barbosa é professor do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisa os seguintes temas: gestão do conhecimento, gestão da informação, entre outros.

Ainda, em relação ao Capital Científico do tipo objetivado (produção individual/coautoria), identificaram-se 5 pesquisadores (22,7%) que publicaram 5 trabalhos cada um, no período em estudo, e 13 pesquisadores (59,1%) com 4 trabalhos cada um.

Com relação ao Capital Científico do tipo objetivado (produção em coautoria), verificaram-se 2 pesquisadores (9,1%) que publicaram 5 trabalhos cada um; 13 pesquisadores (59,1%) com 4 trabalhos cada um; 1 pesquisador (4,5%) com 6 trabalhos; 2 pesquisadores (9,1%) com 3 trabalhos cada um; e um pesquisador (4,5%) com 2 trabalhos.

Com alto Capital Social, destacam-se os pesquisadores Fabrício Ziviani (13); Emeide Nóbrega Duarte (12); Jorge T. de Ramos Neves (10). Ainda, todos os pesquisadores apresentados na Tabela 1 estabelecem ligações na rede de colaboração científica (Grafo 1). Os pesquisadores que possuem os menores números são: Sueli Angélica do Amaral (3), Maria Cleide R. Bernardina (3), Wagner Junqueira de Araújo (3) e Zeny Duarte de Moranda (2). Com isso, destaca "Uma maior centralidade influencia diretamente na universalização das informações, favorecendo a socialização e transferência de conhecimento, além de ser essencial para a compreensão dos procedimentos colaborativos[...]" (RIBEIRO; ANTONIALLI; ZAMBALDE, 2015, p. 142).

O Capital Científico do tipo institucional, expresso por cargos ou funções de relevância no âmbito acadêmico, é apresentado por 12 (54,5%) pesquisadores dos 22 constantes da

Tabela 1. De acordo com os critérios adotados nesta pesquisa, os pesquisadores que possuem os maiores números são: Cláudia P. A. de Paula (cinco); Luiz Claudio Gomes Maia (quatro) e Zeny Duarte de Miranda (quatro). Ainda, dez pesquisadores, no período em estudo, não ocuparam cargo ou funções nas instituições que possuem ou possuíam vínculo institucional.

Identifica-se, portanto, que o acúmulo das espécies de capital apresentadas é difícil porque envolve vários indicadores que advêm de comportamentos do ser humano a partir do contexto em que o mesmo está presente. Nesse sentido, esses capitais são uma breve representação da posição que os pesquisadores em destaque ocupam no Campo Científico, tais como: dominantes, dominados e pretendentes (BOURDIEU, 2004). Os dominantes "[...] são os que conseguem impor a definição da ciência segundo a qual a melhor realização da ciência consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são ou fazem" (BOURDIEU, 2013, p.33).

O trabalho científico desenvolvido por eles deve apresentar um conhecimento adequado às necessidades do Campo Científico a partir das relações objetivas que eles estabelecem. Com isso, as pesquisas desenvolvidas visam,

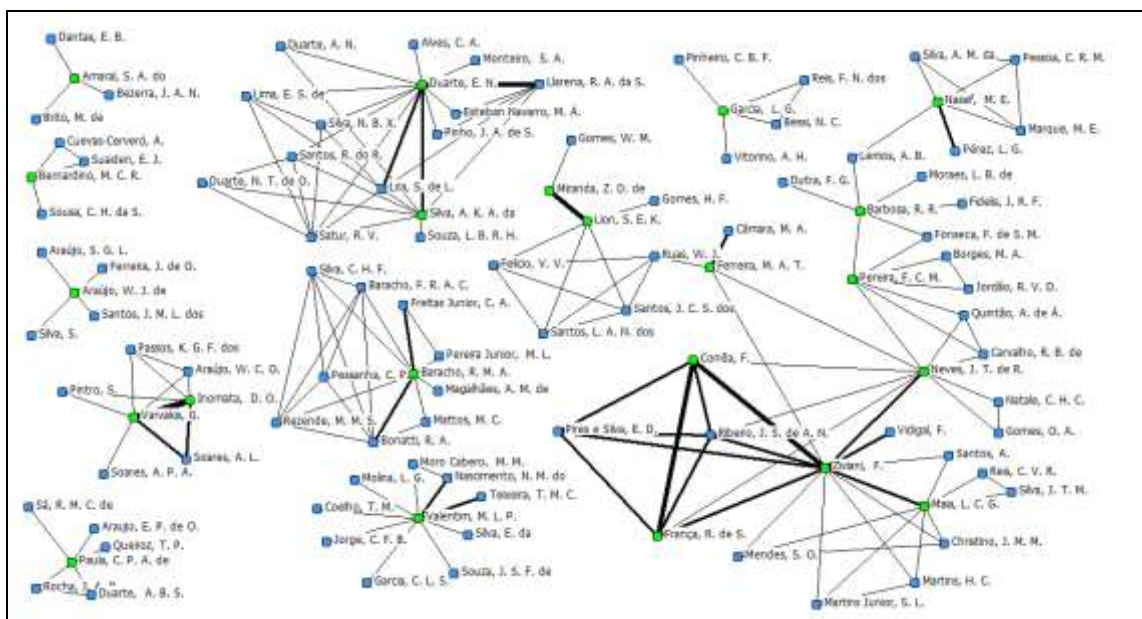
[...] portanto, estabelecer um conhecimento adequado ao mesmo tempo das relações objetivas entre as diferentes posições e das relações necessárias que se estabelecem, pela mediação dos habitus de seus ocupantes entre essas posições e os posicionamentos correspondentes, isto é, entre o ponto ocupado nesse espaço e o ponto de vista sobre esse mesmo espaço, que participa da realidade e do futuro desse espaço. Em outros termos, a "classificação" que o trabalho científico produz por meio da delimitação de regiões do espaço das posições é o fundamento objetivo das estratégias classificatórias pelas quais os agentes visam conservá-lo ou modificá-lo e em nome das quais é preciso contar a constituição em grupos mobilizados com vistas a assegurar a defesa dos interesses de seus membros (BOURDIEU, 2013, p.35-36).

Apresenta-se, no Grafo 1, um total de 109 pesquisadores, a rede de colaboração científica entre os pesquisadores que compõem a Elite de Pesquisa e seus coautores, esclarecendo que: a espessura dos segmentos de retas é proporcional à intensidade de colaboração entre eles; os quadriláteros em verde representam a Elite de Pesquisa (22), em geral, e seus coautores, que pertencem ao grupo de 87 coautores.

Inicialmente, essa rede de colaboração científica remete à ideia de que os pesquisadores que compõem a Elite de Pesquisa têm um alto Capital Social, tendo em vista o significativo número de coautores.

A análise do Grafo 1 mostra um grande subcampo formado a partir de ligações com outros subcampos que se interagem entre si, evidenciando a formação de uma rede de colaboração científica que inclui 11 pesquisadores presentes na Elite de Pesquisa, a saber: Nassif, M. E.; Barbosa, R. R.; Pereira, F. C. M.; Neves, J. T. de R.; Ferreira, M. A. T.; Corrêa, F.; Ziviani, F.; França, R. de S. e Maia, L. C. G.; Miranda, Z. D. de e Lion, S. E. K. Ainda, a rede de colaboração científica apresenta outros nove pequenos subcampos formados por pesquisadores em âmbito nacional e/ou internacional.

Grafo 1 - Rede de colaboração científica (2013-2017)



Fonte: Elaborado pelo autor por meio do Software Ucinet

Esse compartilhamento de informação e conhecimento entre os agentes tem como objetivos: diminuir o tempo para desenvolver os trabalhos a serem publicados; aumentar a produção de conhecimento científico; encontrar e resolver os problemas sociais, por meio dos diferentes aspectos teórico-metodológicos presentes na CI em âmbito nacional e/ou internacional (BEAVER, 2001).

O Grafo 1 apresentado é somente um retrato do Campo Científico no qual as práticas pesquisadores se tornam possíveis por meio de um *habitus*, ou seja, elementos incorporados na trajetória científica e social. Para Bourdieu (1983, p.105), "o *habitus* é um produto dos condicionamentos, que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas introduzindo neles uma transformação". Com isso, a existência de um *habitus* singular no Campo compreende os elementos que estão sendo incorporados pelos agentes a serem utilizados em determinada prática social e/ou científica (BARROS FILHO; MARTINO, 2003).

No que diz respeito ao Capital Científico do tipo objetivado (produção individual/coautoria), Capital Científico do tipo objetivado (produção em coautoria), Capital Social e Capital Científico do tipo institucional, a rede de colaboração científica mostra que, em geral, há compatibilidade/coerência entre eles e a posição que ocupam na estrutura social. Nesse sentido, a análise dos trabalhos publicados nos ENANCIBs aponta que a posição ocupada na rede de colaboração científica se dá pelas práticas científicas e estratégias sociais adotadas ao longo da história de vida e atuação de cada pesquisador, pois isso implica no aumento da produção científica, conseqüentemente, no número de coautores.

Nesse contexto, em um estudo desenvolvido por Duarte, Santos, Satur e Llarena (2014) destaca que o ENANCIB está contribuindo de forma significativa para a sistematização do conhecimento científico por meio das redes sociais, especialmente, nas áreas de

organização e representação do conhecimento, na de produção da informação em Ciência e Tecnologia & Inovação. Além dessas, a gestão da informação e do conhecimento e a política e a economia da informação estão avançando, ano após ano, nos estudos de redes sociais, de forma a atingir os patamares brevemente de contribuição para o desenvolvimento do tema (DUARTE, SANTOS, SATUR; LLARENA, 2014, p.180).

A aplicação desse procedimento, análise de redes sociais, pode contribuir para a visibilidade da produção científica gerada pelos diferentes agentes e/ou instituições, "podendo favorecer ações que fortaleçam, ampliem ou mesmo estreitam vínculos entre pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa, encorajando a publicação em colaboração" (SILVA, 2014, p. 42).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais, desenvolve-se uma análise sistematizada baseada nos resultados e organizada para responder às seguintes questões: Como os trabalhos produzidos pelos pesquisadores, considerando suas características essenciais, contribuem para a construção do conhecimento científico no Campo Científico em estudo? Esses pesquisadores estabelecem relações de coautoria com seus pares? Como esses pesquisadores se colocam no Campo da CI e qual a posição que ocupam a partir dos trabalhos publicados no GT 4 da ANCIB, no período de 2013 a 2017?

A partir das análises desenvolvidas nesta pesquisa, é possível responder a essas questões.

Em relação à publicação dos trabalhos produzidos pelos pesquisadores, tem-se como hipótese que os pesquisadores que compõem a Elite de Pesquisa possuem uma preocupação específica com a necessidade de reflexão sobre os procedimentos metodológicos utilizados para compreender os diferentes objetos de estudo. Ela é consagrada historicamente por sua produção científica e reconhecimento relativos aos trabalhos publicados nos ENANCIBs. Esse conceito, Elite de Pesquisa, foi utilizado de forma clássica, porém inserido no contexto da Sociologia de Pierre Bourdieu para maior compreensão da amplitude de aspectos sociais e científicos presentes na disseminação do conhecimento, que contribuem para a consolidação do conhecimento científico que sustenta o desenvolvimento da Gestão de Informação e do Conhecimento.

De acordo com os dados sistematizados referentes aos pesquisadores que estabelecem relações de coautoria com seus pares, observa-se que eles se relacionam principalmente com pesquisadores brasileiros, tendo em vista a construção do conhecimento científico no contexto do Campo da Gestão da Informação e do Conhecimento.

Por fim, considerando as singularidades dos diferentes Capitais apresentados e utilizados nesta pesquisa (Capital Científico do tipo objetivado, Capital Social, e Capital Científico do tipo institucional), pode-se identificar como pesquisadores dominantes: o primeiro e também o segundo - apresentados na Tabela 1, pela representatividade nos Capitais avaliados.

No desenvolvimento de pesquisas futuras, recomenda-se o aprofundamento, especialmente na questão que envolve os autores mais citados, ou seja, identificar a Frente de Pesquisa do recorte delimitado; verificar os pesquisadores presentes nas duas instâncias, considerando que os pesquisadores presentes na Elite e Frente de Pesquisa, ao mesmo tempo, são os dominantes, no contexto dos ENANCIBs.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA NETO, R. C. D. **Gestão do Conhecimento em organizações**. Curitiba: Saraiva, 2002.

ALVARENGA NETO, R. C. D. **Gestão do conhecimento em organizações**: proposta de mapeamento conceitual integrativo. 1. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2008.

ALVES, B. H. **Sociologia de Pierre Bourdieu e os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Ciência da Informação**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

ALVES, B. H.; OLIVEIRA, E. F.T. de. Conceitos da Sociologia de Pierre Bourdieu e a Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017.

ALVES, B. H.; SOBRAL, N. V.; OLIVEIRA, E. F. T. de; BUFREM, L. S. A elite e a frente de pesquisa das comunicações publicadas nos anais do ISKO Brasil (2011-2015) à luz de conceitos de Pierre Bourdieu. *In*: PINHO, F. A.; GUIMARÃES, J. A. C. (org.). **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife, PE: Ed. UFPE, 2017. p. 7-14.

ANCIB. **Grupos de Trabalho da ANCIB**. [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.ancib.org.br/menu-lateral/ancib-25-anos>. Acesso em: 9 maio 2019.

ANCIB. **Sobre**. [s. l.]. 2016. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/>. Acesso em: 9 maio 2019.

BARBOSA, R. R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1- 25, 2008.

BARROS FILHO, C. de; MARTINO, L. M. S. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BEAVER, D. Reflections on scientific collaboration (and its study): past, present, and future. **Scientometrics**, Amsterdam, v.52, n.3, p.365-377, nov. 2001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1014254214337>. Acesso em: 17 maio. 2019.

BEN-DAVID, J. Introdução. *In*: BEN-DAVID, J. **Sociologia da Ciência**. Tradução Newton T. Gonçalves. Rio de Janeiro: FGV, 1975, p.1-32.

BORDÓNS, M; ZULUETA, M. A. Evaluación de la actividad científica a través de indicadores bibliométricos. **Revista Española de Cardiología**, Madrid, v.52, n.10, p.790-800, out. 1999. Disponível em: <http://www.revespcardiol.org/es/evaluacion-actividad-cientifica-traves-indicadores/articulo/190/>. Acesso em: 9 maio 2019.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d' Água, 2013, p.112-143.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais das ciências**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2008.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRAGA, G. M. **Dynamics of scientific communication**: an application to science funding policy. 1977. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Case Western Reserve University, Cleveland, Ohio, 1977.

CARVALHO, L. F. de.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. de. Gestão da Informação: estudo comparativo entre quatro modelos. **Biblios**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v.28, n.1, p.71-84, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4159/3000>. Acesso em: 9 maio 2019.

CNPq. **Bolsas individuais no país**. Brasília, 2018. Disponível: http://cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271?COMPANY_ID=10132. Acesso em: 9 maio 2019.

COSTA, M. D. Gestão da Informação ou Gestão do Conhecimento?. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.5, n.5, 2000. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/348/412>. Acesso em: 9 maio. 2019.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

DEUS, J. D. **A crítica da ciência**: sociologia e ideologia da ciência. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DIAS, M. M. K.; BELLUZZO, R. C. B. **Gestão da informação em ciência e tecnologia sob a ótica do cliente**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DROESCHER, F. D.; SILVA, E. L. da. O pesquisador e a produção científica. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 10-189, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1899/1251>. Acesso em: 9 maio 2019.

DUARTE, E. N.; SANTOS, R. do R.; SATUR, R. V.; LLARENA, R. A. da SILVA. Abordagens sobre redes na construção do conhecimento em Ciência da Informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p.161-182, out. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/21278/11762>. Acesso em: 9 jul. 2019.

ENANCIB. **Diretrizes para autores**. Londrina, 2018. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em: 9 maio 2019.

FEITOZA, R. A. de B.; DUARTE, E. N. Produção científica da relação entre gestão do conhecimento e memória organizacional: análise no portal de periódicos da CAPES. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18.,2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: ANCIB, 2017.

FERREIRA, P. **Sociologia** -TOMO I. Rio de Janeiro: [s. n.], 1995.

GIRARDI JR., L. **Pierre Bourdieu**: questões de sociologia e comunicação. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

GLÄNZEL, W. **Bibliometrics as a research field: a course on theory and application of bibliometric indicators.** Bélgica: [s.n.]. Disponível em: [http://www.cin.ufpe.br/~ajhol/futuro/references/01%23 Bibliometrics Module KUL BIBLIOMETRICS%20AS%20A%20RESEARCH%20FIELD.pdf](http://www.cin.ufpe.br/~ajhol/futuro/references/01%23%20Bibliometrics%20Module%20KUL%20BIBLIOMETRICS%20AS%20A%20RESEARCH%20FIELD.pdf). Acesso em: 9 maio 2019.

GONÇALVES, P. de C.; ARAÚJO, C. A. A. As origens das práticas de gestão da informação: as quatro gerações de uso da informação nos modos de produção. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. Anais [...].* Florianópolis: CBBC, 2013.

GONZÁLEZ ALCAIDE, G.; GÓMEZ FERRI, J. **La colaboración científica: principales líneas de investigación y retos de futuro.** Revista Española de Documentación Científica, Espanha, v. 37, n. 4, p. 1-15, oct./dic., 2014. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/865>. Acesso em: 9 maio 2019.

GRACIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F.T. de. Produção e comunicação da informação em CT&I - GT7 da ANCIB: análise bibliométrica no período 2003/2009. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2011.

HAWKINS, D. T. Information Science abstracts: tracking the literature of Informations Science. Part 1: definition and map. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, United Kingdom, v.52, n.1, p.44-53, jan. 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/1532-2890%282000%2952%3A1%3C44%3A%3AAID-ASI1057%3E3.0.CO%3B2-6>. Acesso em: 9 maio 2019.

HAYASHI, C. R. M. et. al. Análise de redes de colaboração científica entre educação especial e fonoaudiologia. **Revista Interamericana de Biblioteconologia**, Medellín, v. 35, n. 3, p. 285-297, 2012. Disponível em: <https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/15876>. Acesso em: 9 maio 2019.

KATZ, J. S.; MARTIN, B. R. What is research collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, n.26, p.1-18, 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733396009171>. Acesso em: 9 maio 2019.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

LEITE, F. C. L.; COSTA, S. M. de S. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.36, n.1, p. 92-107, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1189/1359>. Acesso em: 9 maio 2019.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciomtria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/macias.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

MALHOTRA, Y. Knowledge management for the new world of

business. **The Journal for Quality & Participation**, Wisconsin, jul./aug. 1998. Disponível em: <http://www.brint.com/km/whatis.htm>. Acesso em: 9 maio 2019.

MARCIANO, J. Luiz P. Abordagens epistemológicas à ciência da informação: fenomenologia e hermenêutica. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 181-190, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v18n3/02.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

MARTELETO, R. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 9 maio. 2019.

MARTELETO, R.; TOMAÉL, M, I. A metodologia de análise de redes sociais (ARS). In: VALENTIM, M. L. P.(org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 81-100.

MARTINS, C. B. **O que é Sociologia**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MONTEIRO, S. A.; DUARTE, E. N. Bases teóricas da gestão da informação: da gênese às relações interdisciplinares. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.9, n.2, p.89-106, set./fev. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/133677/148275>. Acesso em: 9 maio 2019.

MORESI, E. A. D. Inteligência organizacional: um referencial integrado. **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.2, p.35-46, maio/ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n2/6210.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

OTTE, E.; ROUSSEAU, R. Social network analysis: a powerful strategy, also for the Information sciences. **Journal of Information Science**, v.28, n.6, p.441-453, dec. 2002. Disponível em: <http://www.h-kretschmer.de/Papers/RousseauSocial%20Network%20Analysis%20new.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

PATRA, S. K.; BHATTACHARYA, P.; VERMA, N. Bibliometric study of literature on bibliometrics. **DESIDOC Bulletin of Information Technology**, v. 26, n.1, p. 27-32, jan. 2006. Disponível em: <https://publications.drdo.gov.in/ojs/index.php/djlit/article/view/3672/2084>. Acesso em: 9 maio 2019.

POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGIA. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 241, p.39-41, mar., 2016.

PRICE, D. S. A general theory of bibliometric and other cumulative advantage processes. **Journal of the American Society for Information Science**, v.27, n.5, p. 292–306, sep./oct. 1976. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.4630270505>. Acesso em: 9 maio 2019.

RIBEIRO, N. C.; ANTONIALLI, L. M.; ZAMBALDE, A. L. Análise sociométrica da estrutura da rede de propriedade intelectual de uma universidade pública. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 5, Número Especial, p.127-146, out. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/18622/14115>. Acesso em: 9 jul. 2019.

SANTOS, R. N. M. dos. Métodos e ferramentas para gestão de inteligência e do conhecimento. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.205-215, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/125/322>. Acesso em: 9 maio 2019.

SANTOS, R. N. M. dos; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/11992>. Acesso em: 9 maio 2018.

SIDONE, O. J. G.; HADDAD, E. A.; MENA -CHAL CO, J. P. Scholarly publication and collaboration in Brazil: The role of geography. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 68, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD Nereus 01 2014.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

SILVA, A. K. A. da. A dinâmica das redes sociais e as redes de coautoria. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v.4, Número Especial, p.27-47, out. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/21275/11747>. Acesso em: 9 jul. 2019.

SOUZA, E. D. de. Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação epistemológica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2008.

SOUZA, E. D. de; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M. E. A Gestão da Informação e do Conhecimento na Ciência da Informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 55- 70, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4039/5598>. Acesso em: 9 maio 2019.

SPINAK, E. **Diccionario enciclopédico de bibliometría, cientometria e infometria**. Caracas: UNESCO-CII/II, 1996.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciando conhecimento: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento de negócios**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2000.

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial**. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, R. **A lei de lotka e a produtividade dos autores**. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, R. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n.2, p.69-79, maio/ago. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000200006. Acesso em: 9 jul. 2019.

VALENTIM, M. L. P. Gestão da informação e gestão do conhecimento: especificidades e convergências. **Infohome**, Londrina, 2004. 3p. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=88. Acesso em: 9 maio 2019.

WILSON, T. D. The nonsense of 'knowledge management'. **Information Research**, Lund, v. 8, n. 1, oct. 2002. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/8-1/paper144.html>. Acesso em: 9 maio 2019.

Artigo recebido em 10/05/2019 e aceito para publicação em 13/07/2019
